

## MAPEANDO ALGUNS JARDINS NA ARTE

### ANA PAULA AZEVEDO BARBOSA<sup>1</sup>; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Artista plástica, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa: Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano.  
Email: (anatererra.ceramica@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientadora e revisora do artigo, doutora em poéticas visuais, artista plástica professora do Curso de Graduação e do Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel, coordenadora do projeto de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas.  
Email: (dudagon@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este estudo é oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso realizado na graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas em 2011, bem como de procedimentos adotados recentemente no curso de Mestrado em Artes Visuais, em torno de investigações sobre as concepções do jardim no meu trabalho artístico e em outras produções artísticas. A intenção é mapear jardins, na história e na arte, que conduzam à reflexão sobre processos de criação, fundamentados nas atividades do cotidiano, e no cultivo de plantas como arte, tendo em vista, o desenvolvimento da pesquisa em poéticas. Para isso, selecionei algumas obras que tangenciam o conceito de jardim, tais como o *Jardim Secreto*, de Melissa Flôres, *Prosa de Jardim 2*, de Helio Ferverza e Maria Ivone dos Santos, e os Jardins de Monet, em Giverny. A partir destas referências discorro acerca de meus últimos trabalhos expostos na Galeria “A Sala”, do Centro de Artes/UFPel, intitulados *Em torno do jardim* e *Iresine herbstii inclinatur*, com os quais procuro levar a esta Galeria, que entendo como lugar amplo, pessoal, um pouco de vida, envolvimento e aconchego.

### 2. MATERIAL E MÉTODOS

Com os trabalhos realizados durante o ano de 2012, intitulados *Em torno do jardim* e *Iresine herbstii inclinatur*, comecei uma busca por definições da palavra “jardim” e de seu significado em algumas culturas, e ao longo da história. O mapa começou a ser traçado a partir de minha produção artística, passando por alguns artistas da atualidade e da história da arte, usando como alicerce a metodologia da pesquisa em poéticas visuais, na qual:

o artista pesquisador [...] orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho [...] assim como a partir das questões teóricas e poéticas suscitadas pela sua prática. (REY, 1996, p. 82)

Ou seja, a investigação parte da prática em ateliê, da experiência da criação, do meio como ponto zero (LANCRI, 2002). No meu caso, durante a instauração de jardins poéticos.

### 3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

A etimologia hebraica da palavra “jardim” une *gan*, que significa proteger, defender, a *éden*, cuja significação é deleite, encantamento, satisfação, daí vem a ideia de *Jardim do Éden*. A etimologia também leva a “algo fechado”, pela origem no radical *garth*, proveniente das línguas nórdicas e saxãs, que significa “cintura ou

cerca”<sup>i</sup>. Histórias e mitos contam que os jardins já eram cercados desde a Mesopotâmia, como os *Jardins Suspensos da Babilônia*.

Algumas concepções dos jardins da história surgiram como fruto de um pensamento lógico-materialista do homem primitivo, enquanto aprendia formas de manipular e dominar a natureza para sua sobrevivência e usufruto. O exercício da jardinagem brota com as primeiras civilizações. Os *Jardins Suspensos da Babilônia*, na Mesopotâmia, considerados uma das sete maravilhas do mundo, transcendem o arquitetônico com o natural, e faz seus criadores serem considerados mestres em técnicas de irrigação e drenagem. No antigo Egito, os jardins eram desenvolvidos de acordo com a topografia do Rio Nilo e tinham uma simetria rigorosa. O povo persa levou maior liberdade à confecção dos jardins com as flores perfumadas. Para os gregos, a principal característica dos jardins era a simplicidade, embora a forte influência dos jardins egípcios. Os romanos criaram jardins metódicos e ordenados, integrados às moradias. Na China e Japão, que datam seus primeiros jardins antes da Idade Média, a tarefa do jardineiro limitava-se a ordenar o já existente. Os jardins eram templos de purificação e meditação, com elementos que ocasionavam forte deleite e impacto à vista do observador devido à grandeza e cuidado de suas plantas (BARCELOS, s/d).

Com o tempo, os jardins foram incorporados à arte. No fim do século 19, o artista Claude Monet<sup>ii</sup> (1840-1926), figura importante do movimento impressionista, retratava, em suas pinturas, cenas do dia-a-dia e temas comuns como os jardins. Em 1883, foi morar na cidade francesa de Giverny, onde criou e construiu belos jardins por toda propriedade. Além da cor, Monet era apaixonado pela jardinagem, e montou seus *Jardins* como obras de arte, que serviram como modelo para suas pinturas. Nestes *jardins*, montava as cenas de forma a satisfazer sua ideia de estética para então poder pintá-las.

Atualmente, alguns artistas vêm incorporando em suas proposições *jardins* como arte, de modo a inserir atividades do dia a dia em suas poéticas. A proposição *Prosa de Jardim 2*, dos artistas gaúchos Hélio Ferverza e Maria Ivone dos Santos, é resultado de caminhadas diárias por certo bairro da cidade de Porto Alegre-RS onde vivem, e “articula tempos e memórias à espera de um espaço de partilha”, conforme palavras da artista Maria Ivone (2008). Eles trabalham articulando impressões colhidas em situações que se apresentam em suas rotinas, e delas extraem conversas, imagens, reflexões, provocando pausas e questionamentos sobre o devir urbano (FERVENZA, 2008). Na exposição desse trabalho, feita no Museu de Arte de Joinville, os artistas puderam ampliar as questões presentes na antecedente *Prosa de Jardim*, realizada em Montenegro-RS, no ano de 2007.

Atenho-me também a uma obra de Melissa Flôres, artista nascida em Marau/RS, que atualmente vive e trabalha em Porto Alegre/RS. A artista descreve em seu livro de produção independente, intitulado *Ocorrências Secretas*, o trabalho *Jardim Secreto*. O *Jardim Secreto*, de Flôres, é também resultado de caminhadas por parques e praças da cidade de Porto Alegre desde novembro de 2007. Sem itinerário ou cronograma pré-estabelecidos, a artista distribui envelopes com sementes de flor. Esses envelopes, confeccionados especialmente para esta ação, “contém instruções detalhadas para o plantio e cultivo de uma flor de jardim, omitindo, contudo, a espécie contida no seu interior” (FLÔRES, 2010, p.23). Segundo relato da artista, essa ação provocou diversas surpresas e situações após a abordagem e entrega dos envelopes, ao longo de suas caminhadas. As pessoas aceitavam sorridentes os envelopes com sementes, e não houve nenhuma pergunta ou comentário a respeito da origem do trabalho, somente em relação à planta e

sobre onde deviam plantar: “Por favor, só me diga uma coisinha, devo plantar em um espaço grande, ou pode ser em um vasinho?”. Melissa Flôres, tem um trabalho sensível, que se estrutura em gestos simples, anônimos, no qual pretende levar algo novo ao dia da pessoa que se dispõe a pegar um dos envelopes feitos para a “ocorrência”, e descobrir a partir do cultivo e carinho o segredo da flor que brotará. A proposição a fez refletir sobre um grande jardim acontecendo a distância, em diversos lugares, um brotando em relação ao outro.

Assim como um pintor pesquisa sobre as cores, minha pesquisa se dá por meio da investigação de como as plantas reagem e produzem sentido quando cultivadas e apresentadas em distintos espaços da arte, uma vez que a prática cotidiana é ressignificada como prática artística contemporânea. De posse desse repertório de jardins, produzi um *jardim* para a exposição dos formandos de Artes Visuais em 2012. O trabalho foi intitulado *Em torno do jardim*, e foi construído pensando no espaço da galeria “A Sala”. Uma de minhas questões era a escolha das plantas, pois sabia que somente algumas espécies de plantas poderiam ficar por um mês em exposição, num espaço sem luz natural sem perecer. Durante aproximadamente um mês, construí uma peça feita em cerâmica com diversos vasos em miniatura, dispondo alguns deles em um grande “prato” também de cerâmica onde eram fixados. Outros vasos ficaram independentes para que eu pudesse organizá-los durante a montagem. Todos eles serviram como suportes, uns para as plantas, outros como forma de irrigação, pois, não sendo um jardim convencional de uma casa, necessitava de um dispositivo que garantisse às plantas abastecimento de umidade nos finais de semana. O trabalho com o *Jardim* exige que se tenha um acompanhamento das plantas, um cuidado e envolvimento. É preciso que o mediador da exposição seja sensibilizado e ajude a cuidar do trabalho. Além disso, pesquisei uma forma de aquecer e iluminar as plantas artificialmente, permitindo a elas certo crescimento durante todo o mês. Foram usadas duas lâmpadas, trocadas quando necessário. O cuidado era imprescindível para que as plantas não sofressem um estresse e enfraquecessem. A peça cerâmica e os pequenos vasos foram organizados em cima de um torno e de placas de madeira, os quais, usados normalmente como suportes para confecção de peças cerâmicas, serviram como uma espécie de escada para a conformação geral da peça, utilizando “o processo de criação como própria obra”, como escreve Jessé Torres<sup>iii</sup> sobre o trabalho poético da artista Raquel Stolf<sup>iv</sup>.

O trabalho acima me possibilitou pensar no próximo, impulsionando o movimento da criação e suas implicações teóricas, bem como me suscitando a experimentação de materiais e maneiras distintas de cultivar e expor as plantas.

No trabalho intitulado *Iresine herbstii inclinatur* (*Iresine herbstii inclinada*), foram usados cinco vasos de cerâmica iguais, com plantas de mesma espécie enfileiradas como numa prateleira de casa, guardando espaços iguais entre si. Como suporte, usei uma madeira antiga de alicerce de casa. Ela tinha restos de tinta, pregos enferrujados e pedaços de outras madeiras, encravados e despedaçados. São materiais normalmente utilizados para acomodar e dispor meu jardim. As lâmpadas, desta vez, ficaram incrustadas na própria madeira da prateleira, sendo assim o calor ficando mais intenso, a água do vaso passa a secar com mais rapidez. Para resolver isso, um temporizador ascende e apaga a luz quando necessário. Convidei uma amiga para que me ajudasse a regar as *Iresines*, contribuindo assim para o andamento da obra. Ao inserir os vasos no espaço expositivo, numa galeria, como um “objeto artístico”, abro uma brecha para inserir neste espaço práticas cotidianas

que necessitam de atenção e envolvimento, pois é um trabalho vivo em constante transformação.

#### 4. CONCLUSÕES

Todo esse trabalho foi um experimento, pois não sabendo como as plantas se comportariam foi necessário um acompanhamento e observação diária. No final das exposições constatei que as plantas suportaram para além de minhas expectativas. O período da apresentação do trabalho funcionou como um laboratório, pois pude observar, além das questões técnicas de sobrevivência e disposição do lugar onde foi montada a peça, que o trabalho provoca surpresa e promove a interação dos espectadores. A presença de plantas em um lugar que comumente não é um ambiente propício para o cultivo. Além disso, as pessoas geralmente visitam espaços expositivos com o intuito de ver obras acabadas, finalizadas. Meus trabalhos levam um pouco do que é próprio da vida, e do aconchego doméstico para a sala de exposição. Esta obra/jardim está em constante movimento e transformação, diferentemente dos outros trabalhos dispostos junto ao meu, que não necessitam de cuidados especiais e permite que os artistas não estejam presentes nem no momento da montagem nem durante os dias de exposição. Os trabalhos *Em torno do jardim* e *Iresine herbstii inclinatur* me colocam em uma posição diferenciada por estar lidando com plantas vivas, uma materialidade mais exigente, que me força a fazer eu mesma a montagem, e a acompanhar toda a exposição. Durante a pesquisa, conheci diversos artistas e percebi que existem inúmeras formas e concepções na utilização de *jardins* dentro da arte. Pude entender que o tipo de *jardim* que faço se aproxima com as ideias de jardins orientais, onde não procuro uma organização paisagística e sim uma forma mais orgânica e “natural”, as plantas tem liberdade de crescimento, ervas que são trazidas por pássaros e crescem espontaneamente não são retiradas, convivem de alguma forma com as espécies plantadas por mim.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Daniel C. **Uma viagem pela história dos jardins.** s/d. Acessado em: 17 de junho de 2012. Online. Disponível em: <<http://www.jardimdeflores.com.br/PAISAGISMO/A05daniel.htm>>

FERVENZA, Helio. SANTOS, Maria Ivone dos. **Prosa de jardim 2.** 2008. Disponível em: <<http://www.heliofervenza.net/arquivo/proposicoes/jardim/index.htm>> Acesso em: 9 de junho de 2012.

FLÔRES, Melissa. **Ocorrências secretas.** Fotografias de Melissa Flôres e André Luis Fávero, convidados: Jailton Moreira e Maria Helena Bernardes. – Porto Alegre: Edição do Autor, 2010.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais.** In: Porto Arte v. 7. nº.13, Porto Alegre: Instituto de Artes/ UFRGS, 1996.

---

#### NOTAS

<sup>i</sup> Fonte de consulta: <http://origemdapalavra.com.br/consultorio-etimologico/> Acesso em: 9 de junho de 2012.

<sup>ii</sup> <http://www.fondation-monet.fr/fr/> Acesso em: 10 de junho de 2012

<sup>iii</sup> <http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001790.pdf>. Acesso em: 13 de julho de 2012.

<sup>iv</sup> Artista plástica e professora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.